

DO ATLÂNTICO AO PACÍFICO: ESCRITAS DA AMEFRICANIDADE

FROM THE ATLANTIC TO THE PACIFIC: WRITINGS
OF AMEFRICANITY

Sílvia Barros da Silva Freire

Mestra e doutora em literatura brasileira pela
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Professora da Educação Básica e da Pós-Graduação do
Colégio Pedro II.

E-mail: profsilviabarros@gmail.com

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0008-6991-9361>

RESUMO: A escrita deste trabalho se inicia na experiência do intercâmbio de curta duração, Caminhos Africanos, edição Colômbia, realizado em 2024. A partir do contato com a cultura afro-colombiana, pretendemos criar aproximações entre escritoras negras contemporâneas da América do Sul e do Caribe, uma vez que se faz necessário estabelecer e reforçar os encontros literários e afetivos entre mulheres negras brasileiras e mulheres negras do sul global, historicamente silenciadas e ignoradas pelo cânone literário. Para este trabalho, foram selecionados textos da cubana Teresa Cárdenas, da colombiana Velia Vidal e da brasileira Conceição Evaristo. Sabendo que há muita experiência e memória compartilhada, será desenvolvida uma breve interpretação de textos com o objetivo de alinhar elementos da ancestralidade africana nas obras dessas autoras, além disso serão observados outros elementos comuns às poéticas das três escritoras, considerando a condição afro-diaspórica, que gera diferenças e familiaridades entre as produções realizadas nesses espaços geográficos. O estudo das obras das autoras será baseado em conceitos como “amefricanidade” e “escrevivência”, elaborados, respectivamente, por Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo.

Palavras-Chave: Amefricanidade; Literatura; Autoria feminina negra; América Do Sul; Caribe.

ABSTRACT: The writing of this work begins with the experience of the short-term exchange program Caminhos Africanos, Colombia edition, held in 2024. Based on the contact with Afro-Colombian culture, we aim to draw connections between contemporary Black women writers from South America and the Caribbean, since it is necessary to establish and strengthen literary and emotional encounters between Black Brazilian women and Black women from the Global South, who have been historically silenced and ignored by the canon. For this work, texts by the Cuban writer Teresa Cárdenas, the Colombian writer Velia Vidal, and the Brazilian writer Conceição Evaristo were selected. Acknowledging the shared experiences and memories among them, we will develop a brief

interpretation of their texts in order to weave elements of African ancestry found in their works. In addition, we will observe other common elements in the poetics of these three writers, considering the Afro-diasporic condition, which produces both differences and similarities in the literary productions across these geographic spaces. The study of these authors' works will be based on concepts such as amefricanidade and escrevivência, developed respectively by Lélia Gonzalez and Conceição Evaristo.

Keywords: Amefricanity; Literature; Black Female Authorship; South America; Caribbean

1. INTRODUÇÃO

Pelo oceano levaram nossos ancestrais do continente africano para as Américas. Via Atlântico fomos espalhados por territórios banhados também pelo Pacífico e pelos mares do Caribe. Esse processo violento de separação nos fez estrangeiros entre nós, mas basta olhar para nossos jeitos, fazeres, valores, culturas... para nossa pele, nossos cabelos, nossos narizes e bocas que relembremos que viemos do mesmo lugar e que, apesar de todo esforço para fazê-lo, os colonizadores não conseguiram apagar totalmente nossa memória.

Pensando nessa memória presente, o artigo tem como objetivo produzir uma breve reflexão a respeito dos pontos de conexão existentes em textos de três escritoras: Velia Vidal, da Colômbia, Conceição Evaristo, do Brasil, e Teresa Cárdenas, de Cuba. O conceito de Amefricanidade, cunhado por Lélia González, constituiu uma base importante para a seleção do corpus e interpretação dos textos escolhidos, além de ser força motriz para pensar a importância de olhar para esses países das Américas como territórios conectados. Já a base teórica para a análise dos textos, baseia-se, especialmente, na Escrevivência, de Conceição Evaristo, uma vez

que se mostra como o conceito fundamental para a leitura de obras escritas por mulheres negras.

A ideia central deste trabalho – comparação entre textos literários escritos por mulheres negras amefricanas – se origina de uma oportunidade ímpar que obtive em 2024: participar do intercâmbio de curta duração Caminhos Amefricanos, em Bogotá, na Colômbia. Esse intercâmbio, oportunizado por uma iniciativa do Ministério da Igualdade Racial em parceria com a Capes, levou uma delegação de cinquenta docentes negros e negras de todo o Brasil para uma experiência de trocas pedagógicas e antirracistas em Bogotá.

O Caminhos Amefricanos, Programa de Intercâmbios Sul-Sul vai estimular a troca de conhecimentos, experiências e políticas públicas que contribuam para o combate do racismo e para a educação das relações étnico-raciais a partir da cooperação acadêmica entre instituições educacionais e incentivo a pesquisas e ao desenvolvimento científico e tecnológico para a promoção da igualdade racial. Além disso, a ação fortalece a formação inicial e continuada de educadores na perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais.¹

Durante a estadia de duas semanas, o grupo acompanhou eventos acadêmicos em que se discutiram as políticas públicas educacionais para as relações raciais, destacando a Cátedra de Estudos Afro-Colombianos, criada em 1993, que estabelece a inclusão, no currículo das escolas e universidades colombianas, o ensino de cultura e história afro-colombiana. Essa lei se assemelha muito à que foi instituída no Brasil,

dez anos depois: a Lei 10.639/03, alterada posteriormente pela Lei 11.645/08, que estabelece como obrigatório o ensino de cultura e história afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e privadas de ensino fundamental e médio do Brasil.

Além de uma programação com palestras, apresentações artísticas e visitas a escolas, também tivemos a oportunidade de conhecer a cultura afro-colombiana viva em Bogotá em territórios em que se cultivam saberes medicinais de matriz africana e se elaboram políticas comunitárias. Tanto as atividades que se desenvolveram dentro das escolas e universidades de Bogotá quanto aquelas realizadas nos espaços públicos, museus e centros culturais se relacionam com a formação docente, uma vez que a compreensão mais ampla da ancestralidade negra nas Américas, fora das restrições acadêmicas – nos permite dar maior robustez a nossos argumentos em favor da reparação histórica devida à população negra e incrementa nosso repertório para o desenvolvimento do trabalho pedagógico nas mais diversas disciplinas do currículo.

As conversas com docentes afro-colombianos mostraram os desafios da implementação da cátedra de estudos afro-colombianos. Dificuldades muito semelhantes às que enfrentamos no Brasil quando falamos de descolonização dos currículos e educação antirracista. Nesse sentido, as ações de diálogo entre os países fortaleceram a ideia de que além da cultura afro-brasileira, poderíamos pensar em um currículo que incluía a cultura negra das Américas, ou, como passarei a

¹<https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/caminhos-amefricanos-lista-de-inscritos-para-intercambio>

denominar neste trabalho, a cultura amefricana.

Como professora de literatura, um dos meus principais interesses para esse intercâmbio foi conhecer mais escritores e escritoras negras daquele país que já tem sua literatura consagrada, inclusive com o prêmio Nobel de Gabriel Garcia Marques. Com essa perspectiva, fiquei atenta às palestras que versaram sobre literatura e às manifestações poéticas que surgissem ao longo desses quinze dias de experiências. Além disso, visitei livrarias buscando livros de autoria feminina negra, foco das minhas pesquisas acadêmicas e propostas pedagógicas nos últimos dez anos. Como minha pesquisa centraliza a literatura brasileira, considerei essa uma excelente oportunidade para ampliar meus conhecimentos sobre as autoras da América do Sul e do Caribe.

2. CONHECENDO A LITERATURA AFRO-COLOMBIANA

Deve-se considerar o intercâmbio cultural uma troca de experiências que, no contexto da diáspora representará uma ação de encontro com o novo e com o já conhecido, uma vez que

a relação entre as culturas negras nas Américas e suas diásporas não deve ser pensada em termos de origem autêntica e cópia, de fonte primária e reflexo passivo. Em vez disso, tem de ser compreendida como a permuta (negociação de práticas, narrativas e representações) entre uma diáspora e outra quando não como trocas culturais entre experiências negras com semelhanças familiares na região (Butler e Domingues, 2020, p. XIII e XIV).

Assim, senti-me impelida a ver como na literatura essa familiaridade aparece e de que forma podemos constituir um corpus de literatura amefricana em que se possam notar as especificidades de cada autoria no contexto de seu território junto à aproximação de experiências vividas na diáspora.

Ao longo das atividades culturais e acadêmicas do intercâmbio, tivemos contato com pesquisadores que elaboraram a antologia bilíngue – em português e espanhol – *Poesia afrocolombiana* (2022), organizada por pesquisadores e pesquisadoras do Brasil e da Colômbia. Na atividade de formação, o palestrante apresentou a antologia e fez uma breve explanação sobre a história da poesia negra colombiana. Por meio dessa apresentação, já foi possível perceber que a literatura negra colombiana, assim como a brasileira, havia sido eclipsada do cânone, o que confirmou esse aspecto das aproximações entre as duas literaturas. Nosso conhecimento da história dos povos colonizados e escravizados nas Américas nos faz imaginar que há muitos elementos em comum em relação à presença negra em espaços artísticos e culturais dominados pelas elites, como é a literatura. Nesse sentido, considero urgente e necessário estudar de forma conjunta as expressões literárias negras desses povos geográfica e historicamente conectados. Portanto, a publicação da antologia e o trabalho dessas pesquisadoras e pesquisadores constituem uma iniciativa importante para que consigamos elaborar novas perspectivas literárias.

A antologia *Poesia afrocolombiana* conta com dez autores e autoras, além de ensaios de pesquisadores e pesquisadoras que se debruçam nos estudos a respeito dessa literatura. Até aquele momento, a única escritora negra colombiana que eu conhecia

era Mary Grueso Romero. A partir desse livro, a que tive acesso após a palestra, passei a buscar em livrarias de Bogotá obras de autoras negras colombianas. Nesse processo, encontrei apenas um livro, um livro de poemas da escritora Velia Vidal. Na primeira leitura dos poemas, os temas do mar e da memória me chamaram atenção por serem elementos recorrentes na literatura de autoria negra. A partir de um poema, intitulado “Atlântico”, selecionei o *corpus* deste artigo.

3. SOMOS AMEFRICANAS

O título do intercâmbio – “Caminhos Amefricanos” – contém um termo criado pela pensadora, filósofa e ativista brasileira, Lélia Gonzalez. Considero que essa escolha é tanto uma homenagem como uma evocação do termo, que pode ser empregado mais amplamente no campo dos estudos das relações étnico-raciais. Amefricano é a qualidade daqueles nascidos nas Américas, herdeiros das matrizes originárias e africanas que forjaram nossas culturas no contexto da violência colonial. Refletindo sobre nossos laços ancestrais e territoriais, Lélia elaborou esse conceito que nos ajuda a construir uma identidade comum às sociedades enraizadas nos territórios das Américas.

Ontem como hoje, americanos oriundos dos mais diferentes países têm desempenhado um papel crucial na elaboração dessa amefricanidade que identifica na diáspora uma experiência histórica comum que exige ser devidamente conhecida e cuidadosamente pesquisada. Embora pertençamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo em todas elas, ou seja: o racismo, essa elaboração fria e extrema do modelo ariano de explicação, cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim como parte e parcela das

mais diferentes instituições dessa sociedade (Gonzalez, 2020, p. 135).

Como parte desse esforço para analisar e pesquisar a amefricanidade, observamos que as manifestações artísticas e culturais nos ajudam a entender os pontos de aproximação que definem nossa amefricanidade. A partir das discussões dos movimentos de mulheres negras, propomos que a união entre nós, mulheres negras na diáspora, se manifeste também na literatura e nos estudos literários. Ser amefricana é resistir à colonialidade que ainda violenta nossos corpos e nossa intelectualidade.

4. ESCREVIVÊNCIA

Há mais de vinte anos, foi promulgada a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas as escolas do Brasil. Esse avanço, conquista da luta histórica do movimento negro brasileiro, nos obrigou a reconhecer as ausências do nosso currículo escolar. No caso específico da literatura, notou-se o vazio em relação à autoria negra, especialmente à escrita de mulheres negras. Nomes como Maria Firmina dos Reis, Auta de Souza e Carolina Maria de Jesus foram sequestrados dos catálogos, dos livros didáticos, das antologias de literatura brasileira. O processo de resgate das obras dessas autoras – ainda em andamento – tornou-se uma bandeira política para muitas de nós, professoras negras.

As contribuições das mulheres negras para o *corpus* da literatura, na poesia e na ficção, e para a teoria literária são fruto da insurgência dessas mulheres e dos avanços na vida pública, na vida acadêmica e na continuidade da vida artística e cultural que sempre esteve presente no cotidiano de nossas antepassadas (Barros, 2022, p. 134).

Esse processo de continuidade e resistência na diáspora africana deu origem aos textos literários aqui interpretados. Por essas características que tornam a escrita e a publicação obras literárias de mulheres negras atos de resistência, torna-se necessário recorrer também a teoria que as contemplem. Por isso recorreremos a um conceito elaborado por Conceição Evaristo. Pensadora das palavras, escritora, poeta, intelectual negra, assim como Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo forjou um conceito para interpretar a escrita das mulheres negras: a escrevivência.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais (Evaristo, 2020, p. 30).

A escrevivência se projeta para duas direções. É tanto a força que move mulheres negras a escrever, como ferramenta de interpretação de tais escritos. Se a escrita de mulheres negras é algo que nasce da resistência de um grupo subalternizado, faz-se necessário criar formas novas de ler essa literatura, uma vez que chegarão novas interpretações do mundo elaboradas por poéticas outras, ainda não (re)conhecidas pelo mundo acadêmico tradicional (masculino, heteronormativo e branco). A tradição retrata as vivências de homens brancos vivendo em grandes cidades ou no interior, tendo pessoas negras como figurando nesses escritos como

serviçais, bandidos, prostitutas e outros personagens que representam a subalternidade na nossa cultura.

Parece uma contradição que aquelas destinadas a servir, a aceitar a submissão, a cuidar das famílias alheias pudessem expressar pela poesia e pela ficção o que habita sua imaginação. Esse estranhamento habitou e ainda habita as mentes de mulheres negras que não se veem como autoras, porque não têm escritas negras como referência. Gloria Anzaldúa nos conduz nessa reflexão:

Porque os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se incomodam em aprender nossa linguagem, a linguagem que reflete a nós, nossa cultura, nosso espírito. As escolas que frequentamos ou não frequentamos não nos deram nem as técnicas de escrita nem a confiança de que estamos certas ao usar nossas linguagens de classe e étnicas (p. 45).

Então, ler autoras negras, autoras amefricanas, traz o sentido de recomposição do espaço que essas mulheres devem ocupar. Conforme mulheres negras adentraram a educação formal, a academia, a leitura dos clássicos, elas perceberam que conheciam a vida daqueles homens e daquelas mulheres, porque elas, suas mães, suas avós, viveram dentro daquelas casas lavando, passando, cozinhando, cuidando de seus filhos. Então era chegada a hora de contar essa história por meio de seu próprio olhar. Tal movimento envolve a valorização da ancestralidade, a adoção da língua materna que se fala dentro da casa, a língua da família. Envolve as poéticas das culturas banto e ioruba que ainda vivem em nós, a métrica da oralidade transportada para o papel.

Neste trabalho, lançamos mão da escrevivência para enlaçar as obras de Velia Vidal, Teresa Cárdenas e Conceição Evaristo.

5. VIDAS LITERÁRIAS AMEFRICANAS

Velia Vidal é uma autora nascida em Bahía Solano, na Colômbia, em 1982. Escritora, ativista cultural e promotora de cultura, recebeu bolsa de publicação de autoras afro-colombianas oferecida pelo Ministério da Cultura da Colômbia. A publicação que se originou desse período de bolsa foi publicada no Brasil em 2023 com o título *Águas de estuário*. O poema selecionado para ser analisado neste artigo encontra-se obra ainda não traduzida para o português, *Cuerpos de agua*. Nos dois livros fica evidente a relação da autora com as águas. São essas águas que trazem os sentidos de vida e de morte que orientam as vidas negras na diáspora. O poema “Atlántico” traz o tema tão recorrente da travessia do oceano que espalhou milhões de africanos pelo mundo.

Atlántico

En Río de Janeiro o al borde de Lisboa,
el atlántico es memoria de los traídos.

En Barranquilla, San Andrés o Santa Marta, el
Atlántico es Caribe habitado por sus
descendientes.

De Lisboa a Río, com la bendición
de morir em brazos de Yemayá,

Jemanjá,

Yemanyá,

Yemoya,

Iemanjá, Donha

Janaína, Yemoja,

alguns barcos naufragaron.

Em la costa, com uma maldición,
desciendentes perdieron la memoria,
dejaron de ver en el espejo las narices chatas,

los labios gruesos y los pelos rizados.

Abandonaron el deseo de la libertad.
(Vidal, 2024, p. 40)

A seleção desse poema se define pelo primeiro verso lido, quando o eu-poética cita o Rio de Janeiro, uma cidade com nome de água, que abriga o maior porto de entrada de escravizados do Brasil, o Cais do Valongo. O poema “Atlántico” evoca os ecos da morte que aconteceram nesse mar: “morir”, “naufragaron”, “maldición”, “perdieron”, “abandonaron”. Palavras do campo do desastre em um poema que se inicia com o traçado da distância entre metrópole e colônia – Brasil e Portugal – e segue se espelhando pela diáspora na nomeação da amefricanidade. No centro do poema, o índice positivo da morte é a acolhida por uma mãe, uma presença africana, Yorubá, com seus vários nomes, que vive no meio das águas amparando seus mortos.

O segundo elemento fundamental do poema e da poética amefricana é memória. Nesse caso a memória dos trazidos, daqueles que foram sequestrados de sua terra. Morrer no mar, nos braços de uma mãe, é uma bênção, enquanto naufragar na costa é uma maldição. Esse naufrágio é, ao mesmo tempo, a chegada e a morte simbólica da memória de que deixou para traz a lembrança dos traços que remetem a África: “las narices chatas”, “los labios gruesos”, “los pelos rizados”.

Ler o poema em espanhol nos permite ainda um jogo de palavras: “el atlántico es memoria de los traídos”. A palavra “traídos”, que dignifica trazidos, tem como falso cognato o adjetivo “traídos”, ou seja, aqueles a quem traíram. Segundo Saidiya Hartman, no processo de elaboração de uma solidariedade racial na diáspora, os escravizados desenvolveram um tipo de relação: “O escravo

e o ex-escravo desejavam aquilo que os havia separado: parentesco. Na diáspora, estes transformaram uma história da raça em uma história de amor e traição” (2021, p. 12). Pode-se dizer que errar a tradução desse verso, confundindo um falso cognato gera um novo verso que ainda faz sentido: o Atlântico é memória dos traídos.

Traídas e desejosas de memórias, poetas voltam ao mar da travessia para entender como as lembranças podem compor uma nova realidade em que ainda é possível pulsar vida. Tal desejo aparece em “Recordar é preciso”, que abre o livro *Poemas da recordação e outros movimentos* de Conceição Evaristo.

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso.
O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.
Sou eternamente náufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.
Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
Sei que mistério subsiste além das águas.
(Evaristo, 2017, p. 11)

Ao chamar Portugal para o poema, como faz também Velia Vidal, desta vez pela intertextualidade com Fernando Pessoa, convoca a memória da colonização como processo de apagamento da memória dos escravizados. Além disso, há aqui uma provocação em relação à literatura canônica. Quantos de nós conhecemos Fernando Pessoa muito antes de conhecer a obra de qualquer escritora negra brasileira? Dessa forma, conversando com a tradição, o eu-poético resiste ao esquecimento. No poema de

Conceição Evaristo, o mar não é somente o túmulo dos nossos ancestrais, mas o lugar onde nossa memória habita e de onde o eu-poético não pode sair completamente – “sou eternamente náufraga”. Imersa na água, a memória constitui presença e, fora dela, faz nascer uma possibilidade poderosa de vida – “uma paixão profunda é a boia que me emerge”. A melancolia das lágrimas que iniciam o poema se converte em paixão.

A imensidão do mar parece nos apartar, metaforizando a colonialidade que nos faz acreditar estarmos mais próximos da Europa do que da própria América em que vivemos. O olhar eurocêntrico e o imperialismo estadunidense forjam nossos gostos, valores e desejos. Forjam, inclusive o gosto de literário do já restrito público leitor brasileiro. Uma escritora Amefricana que tem feito uma comunicação intensa com o Brasil é Teresa Cárdenas. A autora cubana, já com quatro livros publicados no Brasil, tem participado de diversos eventos literários, participando intensamente do intercâmbio cultural entre os dois países. Lendo sua obra, não é difícil relacionar o narrado às nossas próprias histórias. Para este artigo, foram selecionados trechos do livro *Cartas para a minha mãe*.

Nessa obra epistolar, a protagonista, uma criança que perdeu a mãe e ficou aos cuidados de parentes que não a tratam com o devido amor, escreve cartas para sua mãe narrando experiências cotidianas por vezes dolorosas. Nessas cartas encontramos pistas da nossa amefricanidade, como na carta em que a protagonista conta para mãe que a prima Lilita fez o “santo”, ou seja, se iniciou no culto aos Orixás:

Mas tem mesmo muitas flores em seu pátio.
Escolhi as mais bonitas. Açucenas para Obatalá, borboletas-amarelas e girassóis

para Iemanjá e Oxum e damas-da-noite para Oiá [...].

Não dá para abrir a porta da casa até o fim por causa da quantidade de coisas que botaram para Elegbá.

Apitos, balas, bolinhas coloridas, charutos, aguardente numa xicarazinha, bonequinhos, moedas – um tudo! Elegbá é um menino que às vezes é mau, às vezes é muito bom, por isso é preciso lhe dar tantos presentes, para que fique sempre contente (Cárdenas, 2010, p. 32-33).

Contar o processo de limpeza e organização da casa para um ritual de matriz africana constitui um momento de escrevivência, uma vez que expressa literariamente uma intimidade da família negra – de sangue ou de santo – frequentemente discriminada por sua religiosidade. A voz da criança explica à mãe ausente, o que está posto para cada orixá e sua relação com eles, a delicadeza da escolha da flor certa para a orixá correta, a compreensão de que Elegbá precisa ser agradado para que seu lado mau não apareça. Na falta da mãe, percebe-se a importância de recorrer à ancestralidade como fonte memória e proteção.

Aliás, perda de memória de que o eu-lírico de Velia Vidal fala encontra um caminho de cura quando a protagonista de *Cartas para a minha mãe* acha um pedaço de espelho e contempla seu rosto

Mãezinha,
Encontrei um pedaço de espelho na rua.
Agora, passo o tempo todo me olhando. A testa, os olhos, o nariz, a boca...
Sabe de uma coisa? Descobri que meus olhos são parecidos com os seus, que não podiam ser mais bonitos, e que minha boca e meu nariz são normais. Não gosto que digam que

os negros têm nariz achatado e beição. Se Deus existe, com certeza está furioso por ouvir tanta gente criticando sua obra. (Vidal, 2024, p. 19)

A mãe com quem ela se identifica e consegue reconhecer seus traços como bonitos, é a própria ancestralidade, é a própria África, mãe que existe em um espaço de esquecimento promovido pela escravidão. Na visão da historiadora negra estadunidense, Saidiya Hartman, perder a mãe é perder a origem, não ter conhecimento do que ficou no continente africano após o sequestro, assim, a escrita das cartas e o ato de olhar-se no espelho quebrado, representam essa perda, essa distância, essa tentativa de comunicação com quem não está mais presente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta breve leitura de três escritoras amefricanas, foi possível observar a presença de temas que nos vinculam histórica, cultural e esteticamente. De todos, as águas, a memória e a espiritualidade são os temas que mais reverberam. No poema de Velia Vidal, a memória é marcada pela perda após o processo forçado da travessia e se expressa no corpo, na falta do espelho que apaga os traços das nossas antepassadas e antepassados. Já no poema de Conceição Evaristo, a memória se movimenta na instabilidade das ondas, onde existem lágrimas e existe paixão, há, portanto, uma resistência à violência do esquecimento. Por fim, no texto de Cárdenas, a memória passa por um processo de recuperação pela descoberta do espelho quebrado, ou seja, ainda incompleto, imperfeito, mas já capaz de mostrar um passado que conecta a menina tanto à sua mãe como à história de seu povo. Cria-se um movimento circular em torno do perder-ganhar da vida na diáspora negra.

A literatura, pode ser, fonte de estudos para implementação das leis que devem ser cumpridas por todo docente, negro ou não. Por ser espaço de reencontro e reconhecimento da amefricanidade, ela pode e deve estar presente na escola como recurso crítico de compreensão das relações raciais. No meio das águas, sob as bênçãos de Iemanjá, nos traços do rosto e nas memórias compartilhadas, nos encontramos... Nos descobrimos amefricanas e emergimos do silenciamento histórico e literário.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. "Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo". In: *A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios*. Trad. Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

BUTLER, Kim D.; DOMINGUES, Petrônio. *Diásporas imaginadas: Atlântico negro e histórias afro-brasileiras*. São Paulo: Perspectiva, 2020.

CÁRDENAS, Teresa. *Cartas para a minha mãe*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes. Ilustrações Goya Lopes. 1 ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização Flavia Rios, Marcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARTMAN. Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Trad. José

Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

MAGLIA, Graciela e QUEIROZ, Sônia (org.). *Poesía afrocolombiana = Poesía afrocolombiana*. Ed. bilíngue. Belo Horizonte: Incipit, 2022.

VIDAL, Velia. *Cuerpos de agua*. Bogotá: FCE, 2024.